

## O ENSINO DE HISTÓRIA E AS AMÉRICAS

Wellington Cesar **SILVA**; Getúlio Nascente da **CUNHA** \*  
Ensino de história; América Latina; PCN

Nesse primeiro momento do trabalho realizar-se-á uma análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Ao analisarmos os PCN's, elaborados pelo então governo de Fernando Henrique Cardoso, observaremos que eles têm uma posição neoliberal, objetivista e tecnicista. Uma visão de educação que vai de frente aos Estados Unidos e fica de costas para o Brasil, transformando a educação em uma máquina que privilegia a rapidez de raciocínio.

Ao fazer essa análise é importante observarmos o contexto social em que foi construído os PCN's. Uma sociedade onde tudo se transforma, "onde tudo o que é sólido se desmancha no ar" (Marx, 2003, p.29), e onde em pouco mais da metade dos anos de 1990 se via um alvorecer das mudanças tecnológicas. O que se falava no contexto mundial nesse período de mudança curricular? Se falava de globalização. Eram os anos em que não havia mais a União Soviética, e o capitalismo parecia se tornar um sistema hegemônico.

A mecanização da produção agrícola e a agroindústria transformaram a paisagem rural, os hábitos e os valores. As cidades não param de crescer e nela se multiplicaram os *shopping centers*, os *fastfood*" (PCN, 1998, p.48). De acordo com essas análises parecia que a tecnologia iria tomar conta de tudo tendo a informática como a vanguarda das transformações tecnológicas. Parecia que estávamos realmente no futuro e que o caminho a se seguir era o sistema capitalista.

Seguindo uma política neoliberal, os presidentes da América Latina na década de 1990, entre eles o Brasil, privatizam empresas estatais e propõem reformas do ensino que vão ao encontro das novas exigências do sistema capitalista. Parecia voltar às velhas noções de desenvolvimentismo, como se os fatores que levam à desigualdade social fossem devidos à falta de investimento tecnológico e o objetivo parecia ser o de aparelhar a educação com a novas tecnologias.

O Brasil e os demais países da América Latina, está empenhado em promover reformas na área educacional que permitam superar o quadro de extrema desvantagem em relação aos índices de escolarização e de níveis de conhecimento que apresentam os países desenvolvidos (PCN, 2000, p.5).

Era como se quisessem tirar o Brasil de sua posição de subdesenvolvido numa tentativa de colocar o Brasil no patamar de países considerados desenvolvidos, esquecendo-se que a questão essencial não era o subdesenvolvimento e sim a dependência econômica.

"A formação do aluno deve ter como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas a área de atuação". (PCN, 2000, p.5). Educação parece se tornar mercadoria, voltada para o mercado, e o sentido geral da reforma curricular continua sendo o de inserir os estudantes no mundo do trabalho e no processo produtivo.

"Uma nova concepção curricular para o ensino médio, como apontamos anteriormente, deve expressar a contemporaneidade" (PCN, 2000, p.12). Privilegia mudanças, mas mudanças que vão ao encontro do sistema capitalista. O que significa contemporanizar a educação? Contemporanizar parece ser o mesmo que neoliberalizar, isto é, transformar a educação cada vez mais voltada para os propósitos neoliberais visíveis nos anos de 1990 nos governos da América Latina desse período em que se via a extrema destruição das barreiras econômicas que impedia o avanço dos mercados.

Acredito que a incorporação de novas tecnologias vem de iniciativas econômicas tomadas pelas grandes empresas, especialmente as multinacionais, iniciativas que induzem

ao desenvolvimento tecnológico. Nesse sentido, muitos países da América Latina, entre eles o Brasil, foram levados a reformar suas políticas educacionais com o sentido de aumentar a capacidade do trabalhador latino-americano diante da realidade internacional.

Os processos produtivos dizem respeito a todos os bens, serviços e conhecimentos com os quais o aluno se relaciona no seu dia-dia bem como aqueles processos com os quais se relacionará mais sistematicamente em sua profissão (PCN, 2000, p.73). O objetivo é fazer com que o estudante tenha maior conhecimento sobre o mercado profissional, diante dessa situação o que vale é matricular, não importando muito com a qualidade de ensino.

O ensino médio passa a ter como finalidade a preparação do aluno para o mundo do trabalho, para que ele tenha a capacidade de se adaptar às novas exigências do mundo do trabalho, tendo como fundamento a compreensão das novas tecnologias do processo produtivo. O sentido da educação parece ser o de fazer com que o aluno tenha o domínio dos princípios científicos e tecnológicos exigidos pelos novos modelos de produção.

“O ensino médio, portanto, é a etapa final de uma educação de caráter geral, afinada com a contemporaneidade” (PCN, 2000, p. 10). O documento apresenta uma mistura de história cultural, com segunda Escola dos Annales e ao mesmo tempo se junta com a história social inglesa, com isso tem-se uma ausência de uma perspectiva clara sobre o significado do ensino de história. Juntamente com isso, o documento trata a educação superior como independente da educação básica eliminando a integração entre os diversos sistemas de ensino.

“Com a construção de competências básicas, que situem o educando como sujeito produtor de conhecimento e participante do mundo do trabalho” (PCN, 2000, p.10). Do ponto de vista neoliberal a educação ocupa um lugar importante, a educação tem como tarefa ampliar o mercado consumidor apostando na educação como geradora de trabalho para incluir as pessoas no mercado consumidor, além de gerar uma subordinação dos processos educativos aos interesses da reprodução das relações sociais capitalista.

Nesse sentido, dentro das reformas a história passa a ter um sentido de formação de identidade comum aos brasileiros, tendo a estrutura do conteúdo com base em uma idéia de nação. O sentido geral é adaptar-se para sobreviver ao sistema. O professor teria que estar atento a subjetividade da tecnologia, e destinado a capacitar os jovens ao mundo globalizado, nesse caso é importante questionar a compreensão de conhecimento histórico que os PCN apresentam.

“O estudo da história local conduzem aos estudos dos diferentes modos de viver no presente e em outros tempos, que existem ou que existiram no espaço”. (PCN, 1998, p.40). A concepção de história pautou sob uma perspectiva de análise local e do cotidiano em relação à América que continua trazendo uma visão de nação que é subordinada ao capitalismo.

O estudo de história da América Latina está ligado a uma concepção neoliberal vinda dos princípios do Mercosul. A falta de um estudo mais aprofundado sobre a América Latina poderia estar ligado a uma concepção nacionalista, isto é, a busca de uma identidade nacional.

Esta busca de uma identidade nacional ficou evidente quando se dá a proximidade da comemoração no Brasil dos 500 anos, onde ficou visível a busca de uma identidade. A própria proposta curricular é uma proposta de caráter nacionalista, isto é, Parâmetro Curricular Nacional, tentando compreender a relação entre o nacional e o local.

Com isso a proposta de reforma exclui de certa forma a História da América Latina do ensino não dando grande espaço a história latino-americana e quando esta é dada esquece-se de observar a exploração das riquezas latino-americanas feitas por países como França, Inglaterra, Espanha e mais recentemente os Estados Unidos.

“Os computadores estão nos bancos, nas farmácias, nos supermercados, nas escolas e nas residências” (PCN, 1998, p.48). Mas será que eles estão nas favelas? Será que estão nas aldeias indígenas? Ou nos lugares mais explorados da sociedade. O PCN deixa de fazer uma crítica em relação à realidade social em que vivemos, ou quando ele é feita, a solução que se propõe para se sair dela é a de se ajoelhar ao modelo de produção, é

fazer com que os alunos se qualifiquem na sociedade de produção capitalista e suas novas tecnologias.

Essa característica da educação tende a amortecer os conflitos, levando o estudante a ter como única alternativa, a inserção no modelo vigente. Ter uma consciência crítica é ter uma consciência de transformação social, e ter uma consciência de transformação social é ter consciência crítica da situação social que vivem os setores explorados dentro do sistema capitalista.

Ter uma história da América Latina é não deixar de levar aos alunos um conhecimento das lutas e da exploração realizadas contra os povos latino-americanos, é levar aos estudantes o conhecimento sobre o envolvimento do povo latino-americano nos movimentos sociais, levar ao aluno uma educação de estilo popular.

Os recursos utilizados devem ir além dos livros didáticos, levando ao conhecimento do aluno músicas como as de Mercedes Sosa e mostrar o seu significado dentro do contexto latino-americano. É fazer o aluno discutir conceitos como luta de classes, reforma agrária e exclusão social.

O que podemos observar é que ainda há muita carência nos estudos sobre a história da América Latina, os alunos pouco parecem saber sobre os acontecimentos históricos latino-americanos, muitas vezes ficando preso apenas a história da chegada dos europeus na América, além disso muito pouco ainda é estudando.

Permanece ainda uma história que centraliza a visão europeia de história, uma história vinda de lá para cá. Diante disso pouco ou quase nada se estuda sobre as primeiras civilizações da América Latina, sobre os processos de luta por liberdade feita pelos povos oprimidos na época da colonização ou em tempos mais remotos.

A América Latina continua a ser um tema pouco presente na comunidade escolar. Os povos latino-americanos sempre foram tratados como atrasados, essa visão muitas vezes prejudicou um estudo sobre a história latino-americana, levando a idéia de que é o modelo estadunidense que os povos latino-americanos deveriam seguir.

Pouco se estuda sobre as mobilizações sociais feitas em El Salvador, Nicarágua, Guatemala ou até mesmo em Cuba, ou do envolvimento da Igreja latino-americana nas lutas sociais, como a Teologia da Libertação, ou quando se estuda, o estudo não chega a comunidade escolar com a devida qualidade.

O que acontece é que na globalização capitalista o estado reconhece o cidadão apenas como cliente. O cidadão é reconhecido apenas como um consumidor que tem “liberdade de escolha”, nesse caso as pessoas precisam apenas ser bem informadas para poder “escolher”. Esses princípios são os de apenas fornecer instruções, centrado em fornecer o ensino e não a aprendizagem e com ela a reflexão sobre a situação de cativo presente no sistema capitalista.

“É preciso considerar que hoje em dia os alunos recebem um grande número de informações sobre as relações interpessoais e coletivas por intermédio dos meios de comunicação” (PCN, 1998, p.53). Defende-se o aumento de instrução e não a qualidade de formação, aprender nessa visão é ter acesso a computadores, ter acesso a informática é saber manejar as novas tecnologias do mundo capitalista. Uma política aplicada para o indivíduo e não para o coletivo, e não para a conscientização e superação do modelo de repressão vigente, o sentido é o de acatar as leis do sistema.

Nós historiadores temos que construir uma alternativa de educação com outra lógica que não seja a lógica de mercado, uma alternativa de educação que seja oposta a essa lógica que coloca a educação apenas como um setor que serve para qualificar o profissional e lhe dar informações para que possa “escolher” o seu “futuro”.

Essa é a noção de história da América Latina proposta pelos setores neoliberais ligados ao MERCOSUL nos anos de 1990, que continua a ter a única preocupação de “contar história” sem analisar a conjuntura, sem problematizar uma economia agrícola e mineradora dominada pelos mercados internacionais, com o objetivo de gerar lucros para a grande potência dominadora.

Não se analisa a pobreza, a situação social como resultado de um sistema excludente que privilegia uma minoria financeira, não se analisa a opressão dos governos

centralizadores que produzem um genocídio social, a exploração do trabalho e as péssimas condições de sobrevivência para a grande maioria da população.

Desde o seu início e até os tempos atuais veremos que a sociedade latino-americana é uma sociedade que nasceu para fora, sociedade que nasceu como produtor de desenvolvimento para as grandes potências. Ao analisarmos as nações veremos que as nações latino-americanas foram dominadas por elites locais ligadas aos mercados externos, ligadas a uma economia agro-exportadora.

Portanto, problematizar a América Latina é analisar que a sociedade latino-americana tem sido uma sociedade onde poucos podem desfrutar de sua riqueza, é observar que o continente é um continente cujas riquezas tem servido apenas para alimentar as elites locais, um continente de interesses limitados e governos repressores financiados pelas grandes potências.

Ao mesmo tempo, problematizar é analisar também as lutas do povo latino-americano contra a exploração e a pobreza, lutas para libertar o continente das amarras que oprimem. Reflexão é debater como os estudantes questões sociais, apresentar os movimentos que lutarem para tentar mudar a ordem das coisas.

Para isso temos inúmeros exemplos na América Latina de lutas contra a exploração, como é o caso da Revolução Cubana, Revolução da Nicarágua ou a guerrilha zapatista no México, assuntos sobre os quais pouco se aplicam no ensino.

Sabemos que esse tipo de história incomoda, principalmente as elites, e claro, os setores internacionais que parecem ter financiado as reformas curriculares da América Latina. As reformas curriculares dos anos de 1990 vêm beneficiar o *status quo*, não leva o estudante a questionar os processos de dominação existente na sociedade capitalista, e quais os fatores que levam a dominação econômica a qual se submete o continente latino-americano.

“A prática educativa, reconhecendo-se como prática política, se recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática de procedimentos escolarizante” (Paulo Freire, 2003, p.28). Historiador tem que ter um compromisso, o compromisso social, mas ter compromisso social significa conscientizar os estudantes sobre seu papel na transformação social diante do sistema da dominação, é não ser conivente com a situação de opressão vigente.

“A história é a possibilidade de criarmos ao logo dela, para nos libertar” (Paulo Freire, 2003, p.35). História como movimento, que privilegie a análise social, observando a situação de opressão vivida em nosso continente e os fatores que levam a essa opressão, mostrando as diferenças e acabando com a visão de homogeneidade.

O historiador passa a ter um princípio, o de transformação social, mudança e conscientização. Para isso a educação tem que ir além dos livros didáticos e descortinar as formas tradicionais, a educação tem que ser uma educação que privilegie as bases, uma educação de conscientização.

“As vezes, a violência dos opressores e sua dominação se fazem tão profundas que geram em grandes setores das classes populares uma espécie de cansaço existencial que por vezes”. (Paulo Freire, 2003, p. 50). Atualmente a educação tem um sentido de castrar o estudante dos movimentos sociais, domesticando o conhecimento que fica cada vez mais descomprometido com as transformações sociais que altere o *status quo*. É de grande importância que possamos pensar o conhecimento de uma forma em que ele possa ter uma finalidade social, de transformação do *status quo*.

“A impossibilidade ainda de poder ser a educação neutra coloca ao educador ou educadora, permita-me a repetição, a imperiosa necessidade de optar, quer dizer, de decidir, de romper, de escolher” (Paulo Freire, 2003, p.39). Sem essa concepção de história de nada adiantaria criar alternativas de educação aos estudantes, alternativas de educação, por exemplo, que vão além dos livros didáticos.

“Não posso pensar-me progressista se não entendo o espaço escolar como meio neutro, como quase ou nada a ver com luta de classes” (Paulo Freire, 2003, p.46). Mudança significa mudança social, política e econômica, é a ruptura com o modelo capitalista e a construção de um outro modelo de sociedade, mais justo e humano.

Mas de que adiantaria tudo isso se o próprio historiador não tiver esse comprometimento? Como poderá levar ao estudante um espírito crítico se ele próprio não o possui ou não procura ele mesmo desenvolver esse espírito crítico? Se ele próprio é conivente como *status quo* e se torna descomprometido com as transformações sociais, descomprometido com as mudanças na estrutura econômica de opressão se tornado muitas vezes um intelectual orgânico da burguesia.

Nesse caso a história da América Latina deverá se voltar para ela, mas voltar-se para ela não significa dar as costas para o contexto social existente em outras sociedades, especialmente a africana, asiática, oriente médio e os setores oprimidos das grandes potências tanto européias quanto norte-americanas.

Voltar-se para a América Latina é ter consciência da nossa situação de dependência, nossa situação de opressão, é deixar transparecer os movimentos de luta por libertação que tivemos e temos em nosso continente, os quais a elite tanto insiste em deixar encoberto. Finalmente, voltar-se para a América Latina é ter um compromisso social de estar do lado dos movimentos sociais que lutam pela libertação das amarras que sempre tiveram presentes em nosso continente.

Desenvolver uma educação libertadora, mas para desenvolver uma educação libertadora é preciso que o historiador tenha também um espírito libertador, ou então ficará ele mesmo preso nas amarras do sistema, e se ele mesmo não consegue se libertar, como vai auxiliar os estudantes a se libertarem?

Comparando o trabalho docente de Cuba e o do Brasil, do ponto de vista de modernas técnicas de ensino, podemos afirmar que estamos a década a frente. Mas. Comparando nossos resultados e os deles, somos forçados a admitir, como educadores conscientes e preocupados com a solução dos nossos impasses educacionais, que eles estão quilômetros a nossa frente (Tânia Zagury, 1988, p.22).

Sem o espírito de libertação das atuais estruturas, nada adianta desenvolver mil e uma formas alternativas de educação. Mais vale um enorme desejo de mudança com poucas alternativas do que mil e uma alternativas sem o grande desejo de mudança social.

#### BIBLIOGRAFIA

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *PCN de História*  
FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 2003.  
MARX, Karl. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa, 2003.  
ZAGURY, Tânia. **A Escola Em Cuba**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

---

\* Campus Catalão/UFG – [wellingtonc\\_his@yahoo.com.br](mailto:wellingtonc_his@yahoo.com.br) [getulionascentes@uol.com.br](mailto:getulionascentes@uol.com.br)